

GÊNERO E POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

GÉNERO Y POSESIVOS EN EL PORTUGUÉS LENGUA ESTRANJERA

GENDER AND POSSESSIVES IN PORTUGUESE FOREIGN LANGUAGE

Diocleciano Nhatuve*

Universidade do Zimbabwe

Universidade de Coimbra

RESUMO: O objetivo deste artigo é de descrever a concordância nominal de gênero entre os possessivos e os nomes em Português Língua Estrangeira. Analisam-se SNs, em que os possessivos apresentam anomalias de concordância, escritos por estudantes de Português na Universidade do Zimbabwe. Este grupo de estudantes apresenta um conhecimento linguístico prévio de Shona e de Inglês, sistemas diferentes do Português, o que propicia a ocorrência de desvios. O estudo baseia-se nas teorias de variação linguística e de ensino aprendizagem de línguas, por oferecerem explicações para a ocorrência de desvios na aquisição de línguas não maternas. O estudo, basicamente qualitativo, indica que os estudantes, distanciando-se do PB, usam os possessivos antecedidos por artigos definidos. Ademais, a tendência geral de uso do masculino na concordância nominal, com o possessivo, é substituída pelo uso do feminino, aspecto resultante do estabelecimento da concordância em função do gênero biológico.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Possessivos. Concordância nominal em PLE. Uso do feminino.

RESUMEN: Este artículo describe la concordancia nominal en género entre los posesivos con los nombres en portugués lengua extranjera. Se analizan las estructuras sintagmáticas, donde los posesivos presentan anomalías de concordancia, escritos por los alumnos de portugués de la Universidad de Zimbabwe. Este grupo tiene un conocimiento lingüístico previo de Shona e Inglés, sistemas diferentes del portugués, facilitando la aparición de los desvíos. El estudio se basa en las teorías de la variación lingüística y del enseñanza y aprendizaje de lenguas, ya que ofrecen explicaciones para la ocurrencia de fenómenos de desviaciones en la adquisición de lenguas no nativas. El estudio, principalmente cualitativo, indica que los alumnos, distanciándose del PB, utilizan el posesivo precedido de artículos definidos. La tendencia general del uso de masculino en la concordancia nominal, con el posesivo, se sustituye por el uso del femenino, resultando en la creación del concordancia basada en el género biológico.

PALABRAS CLAVE: Gênero. Posesivo. Concordancia nominal en PLE. Uso del femenino.

ABSTRACT: This study described the gender nominal agreement between possessives and nouns in Portuguese as foreign language. We analyzed noun phrases in which there is anomalous agreement between possessives and nouns. These noun phrases were written by learners of Portuguese at the University of Zimbabwe. This group of students presents previous linguistic knowledge of Shona and English, two linguistic systems different from Portuguese, what allows the occurrence of deviations. The language change and foreign language acquisition theories enlighten this study. Both are considered because they offer explanations for the deviations when individuals learn and use non-mother tongue. The results of this research reveal that learners, differently from Brazilian Portuguese, use definite articles before possessives. In regard to nominal agreement between possessives and nouns, the

students replace the use of masculine by the use of feminine. This aspect, however, dues to the fact that they establish grammatical agreement based on biological gender.

KEYWORDS: Gender. Possessives. Nominal agreement in Portuguese Foreign Language. Use of feminine.

1 INTRODUÇÃO

A concordância nominal em geral é um dos grandes desafios que se colocam ao processo de ensino-aprendizem do Português Língua Estrangeira (PLE). As dificuldades nesta área são acentuadas quando estiver em causa a categoria gramatical de gênero, cujos mecanismos de marcação morfológica não se baseiam em processos regulares e sistemáticos. Há estudos que, de fato, relatam as dificuldades no estabelecimento de gênero em sintagmas nominais (SNs) dos estudantes de PLE – como por exemplo, Martins (2015), Pinto (2012) e Mariotto e Lourenço-Gomes (2013). Neste âmbito, estes autores detectam em diferentes grupos a tendência generalizada do uso do masculino nos elementos acessórios do nome-núcleo. Tais dificuldades de marcação do gênero são, não raras vezes, explicadas com base em dois grandes fenômenos que se impõem na aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). Trata-se do fenômeno de interlíngua, que medeia a fase de não falante de uma LE em aprendizagem e a de falante competente; e do fenômeno de influência e transferência linguísticas que impõe o recurso a aspectos das línguas maternas na aprendizagem e uso das LE. Há ainda estudos que mostram a ocorrência de certos fenômenos linguísticos cuja explicação se baseia na relação entre língua e gênero biológico.

O objetivo deste estudo é de descrever o fenômeno de concordância nominal de gênero entre os possessivos – palavras que determinam o nome e ao nível pragmático indicam posse – e o nome em SNs escritos por estudantes de PLE cujo perfil linguístico revela a coexistência do Shona e do Inglês, dois sistemas linguísticos relativamente distantes do Português no que concerne à concordância. Assim, pretende-se identificar as tendências que se registram no uso do possessivo e relacioná-las aos diferentes aspectos influentes no uso do PLE. Pretende-se, igualmente, verificar até que ponto o uso dos possessivos pelos estudantes de PLE se processa em conformidade com as tendências que se revelam transversais.

A pertinência deste estudo reside no fato de poder trazer à superfície aspectos linguísticos específicos de um grupo particular de aprendentes que, devido a vários fatores, apresenta particularidades que escapam da monitorização dos diferentes agentes envolvidos no ensino-aprendizagem de PLE, pelo fato de não incorporarem as tendências generalizadas apresentadas na literatura. Ademais, o trabalho justifica-se pela necessidade de produzir e divulgar conhecimento específico sobre o PLE de tal forma que o mesmo conhecimento sirva os interesses do grande projeto de expansão da língua portuguesa como instrumento de comunicação e veículo de ciência no mundo. Aliás, só conhecendo os diferentes aspectos salientes no processo de ensino-aprendizagem é que se pode envidar esforços direcionados para cada caso, quer por parte de alunos quer por parte de professores, investigadores e sistemas de ensino.

Espera-se, portanto, com este estudo, apresentar tendências que particularizam a concordância nominal dos possessivos de gênero dos estudantes com um conhecimento linguístico prévio de Shona e Inglês. Em paralelo, espera-se apresentar uma explicação, sob o ponto de vista sociolinguístico, da tendência de estabelecimento da concordância nominal em gênero em função do gênero biológico do sujeito falante. Assim, ao professor de PLE, com este estudo, disponibilizar-se-á mais aspectos a considerar na concepção de estratégias que minimizem as dificuldades de desenvolver a competência de concordância nominal de gênero em Português.

Desta feita, com base numa metodologia qualitativa, são analisadas as estruturas desviantes de SNs que tenham como um dos determinantes o possessivo. A escolha desta abordagem justifica-se pelo fato de a sua essência ir ao encontro do objetivo geral deste estudo, ao permitir a descrição e a explicação do fenômeno de concordância, de tal forma que se traga à superfície as tendências no uso de PLE, bem como as respetivas explicações sociolinguísticas. Assim, exemplos e esquemas são usados como recurso para demonstrar as tendências no uso dos possessivos. O *corpus* a analisar é composto por estruturas sintáticas produzidas por estudantes do primeiro, segundo e terceiro anos de aprendizagem de PLE na Universidade do Zimbábwe. O recurso a dados de três grupos

fundamenta-se pela necessidade de verificar até que ponto o estabelecimento da concordância do possessivo com o nome em função do gênero biológico se resolve ou não com o avanço na aprendizagem.

2 DADOS PRELIMINARES

O grupo alvo deste estudo é constituído por estudantes de PLE falantes de língua materna Shona e que têm como segunda língua o Inglês. Estes alunos, com idade entre os 19 e 35 anos, têm o Português como parte dos diferentes cursos que estão a seguir. Em termos de conhecimento linguístico prévio na base da aprendizagem do português, destaque-se, no âmbito de concordância nominal, a ausência da flexão e da concordância em gêneros feminino e masculino nas duas línguas. Aliás, embora em Shona ocorra o fenômeno de concordância nominal de gênero através da colocação de morfemas de classes nominais, tal gênero não é referente às categorias gramaticais de feminino e masculino.

A língua materna do grupo alvo faz parte das línguas da zona S10, sendo nativa do povo de Mashonaland, no Zimbabwe; todavia, é igualmente falada por pequenos grupos sociais dos países vizinhos como Botswana, Moçambique e Zâmbia (cf. MUKARO, 2012, p. 221; MHUTE, 2016, p. 340). No país de origem dos estudantes em análise, há cerca de 16 línguas oficiais – Shona, Ndebele, Tonga, Tswana, Kalanga, Venda, Koisan, Shangani, Ndau, Chibarwe, Nambya, Xhosa, Chewa, Sign language, Sotho, e Inglês. Esta última, língua do ex-colonizador – Inglaterra – é língua segunda da maioria dos zimbabueanos. Esta situação favorece a existência de indivíduos multilíngues.

O sistema linguístico do Shona (língua materna) é baseado em classes nominais que cabem em dois grandes grupos de nomes, o de nomes contáveis e o de nomes incontáveis (MPHOFU, 2009, p. 100-108). Consideram-se 21 classes baseadas em aspetos meramente semânticos, o que corresponde ao gênero, *lato sensu*; os elementos diretamente ligados ao nome (verbos e adjetivos) devem concordar nas categorias de classe nominal (gênero), pessoa e número com o prefixo do nome-núcleo (FORTUNE, 1980, p.29-84; LAFON, 1994, p.54; MUKARO, 2012). Portanto, a concordância em Shona ocorre através da prefixação de morfemas – amálgama de pessoa, número e classe, como se pode verificar nos exemplos a seguir.

Exemplos I:

- a. [F [SN-suj [Pref.class/num/pess **Dzi**] mba_[Dem] **idzi**]] [SV [Pref.class/num/pess **dz**] akanaka]] (dzimbaidzi dzakanaka) (SH) = Estas casas são bonitas (PT).
- b. [F [SN-suj [Pref.class/num/pess **Mu**]nhu] [SV [Pref.class/num/pess **a**]noziva zvaanoda]] (munhu anoziva zvaanoda) (SH) = A pessoa sabe o que quer (PT).
- c. [F [SN-suj [Pref.class/num/pess **Va**]nhu] [SV [Pref.class/num/pess **va**]noziva zvavanoda]] (vanhu vanoziva zvavanoda.) = As pessoas sabem o que querem (PT).
- d. [F [SN-suj [Pref.class/num/pess **Zv**]ino [Pref.class/num/pess **zv**]ose] [SV [Pref.class/num/pess **zv**]inebasa]]. (zvino zvose zvinebasa) (SH) = Todas as coisas são úteis (PT).

Estas características (do Shona e do Inglês) distanciam sobremaneira as duas línguas do Português. Ademais, o uso de Português no seio do grupo só acontece na escola, em contexto de sala de aula, sem, portanto, que haja oportunidades de desenvolver a sua competência com o *input* linguístico em Português no convívio sociofamiliar, ainda que esteja comprovado o valor da contribuição sociofamiliar para o desenvolvimento de competências em línguas não maternas (cf. ORTEGA, 2013, p. 27; ELLIS, 2013, p. 365-378). Aliás, sobre o valor do *input* sociofamiliar, Krashen (1985 apud ORTEGA, 2013, p. 59) considera que “[...] learners obtain comprehensible input mostly through listening to oral messages that interlocutors direct to them and via reading written texts that surround them, such as street signs, personal letters, books and so on. When L2 learners process these messages for meaning (which they will most likely do if the content is personally relevant, and provided they can reasonably understand them), grammar learning will naturally occur”.

No entanto, o *input* de Português não está à disposição dos alunos, o que, considerando a perspectiva de Krashen, faz prever dificuldades acentuadas no desenvolvimento de competências em processos linguísticos como a concordância nominal de gênero,

motivadas: primeiro, pela complexidade e assistemática dos mecanismos de marcação morfológica do gênero em Português; segundo, pela distância entre as línguas conhecidas pelo aluno e a língua em aprendizagem, concretamente o Português; e terceiro, pela falta de *input* que favoreça a aprendizagem.

A falta de uma base linguística e cognitiva (ORTEGA, 2013, p. 83-107) em que se acomode a aquisição da competência de concordância de gênero em PLE no seio do grupo alvo torna crítica a realização do fenômeno de concordância de gênero. De uma forma geral, os estudos da concordância nominal neste grupo e em outros levados a cabo por outros investigadores como Martins (2015) e Pinto (2012) demonstram a dificuldade dos estudantes de PLE no estabelecimento das relações de correspondência de traços de gênero e número, sendo a categoria de gênero a que mais desvios concentra. É ainda recorrente a tendência de usar o gênero não marcado, o masculino, independentemente das características do núcleo. A explicação dada para este fenômeno é, na maior parte dos casos, o fato de nas línguas desses grupos de estudantes não haver a distinção morfológica de masculino e feminino, como acontece em línguas como o Inglês, Shona, Cantonês etc. Portanto, o desvio é favorecido pelo fenômeno de *cross-linguistic influence*, em que aspectos das línguas desenvolvidas pelos alunos são mobilizados para colmatar certas dificuldades no uso da nova língua (ELLIS, 2013, p. 365-378). Ora, se o Shona e o Inglês não oferecem nenhum subsídio linguístico na área de concordância nominal de gênero feminino e masculino, se a sociedade não lhes (grupo alvo) oferece nenhum *input* significativo em Português, como é que os aprendentes de PLE resolvem a questão de concordância dos possessivos com o nome na categoria gramatical de gênero?

Aliás, embora em Shona o possessivo concorde (em termos morfossintáticos) em classe nominal com o nome, o mesmo opera sempre uma referência anafórica, ou seja, é sempre posposto ao núcleo (Exemplos I). Em Inglês, tal como se referiu antes, não há concordância de gênero do possessivo. Com efeito, considerando a questão exposta no parágrafo anterior sobre a concordância do possessivo e o nome em gênero, várias hipóteses se podem colocar dentre as quais se podem indicar:

1. Os estudantes de PLE com o perfil linguístico apresentado, considerando os diferentes aspectos que caracterizam a concordância nominal, apresentam, como tendência geral no estabelecimento da concordância entre o possessivo e o nome, o uso do masculino, uma vez que nas suas línguas não há mecanismos morfossintáticos de distinção das duas categorias de gênero (feminino e masculino).
2. Se o seu conhecimento linguístico prévio não lhes proporciona aspectos referentes a concordância em gênero, se o possessivo comporta-se de maneira particular – determina o nome, indica o valor semântico de posse e ao mesmo tempo estabelece uma relação pragmática entre o sujeito falante e a entidade possuída ... – e se não há possibilidade de colocar o possessivo na forma neutra (sem fazer referência a nenhuma entidade), sem, portanto, a possibilidade de recorrer ao seu conhecimento linguístico para a aprendizagem e no uso, o aluno encontra estratégias próprias para fazer o uso dos possessivos.

Portanto, a tentativa de encontrar respostas à questão colocada sobre a concordância nominal de gênero em PLE de aprendentes com perfil linguístico apresentado impõe a consideração de duas teorias principais, nomeadamente, a teoria de variação linguística (sociolinguística de origem laboviana) (cf. LABOV, 2007, 1994) e a teoria de aquisição das línguas estrangeiras (ELLIS, 2013, 1994). As duas teorias são convocadas pelo fato de preverem, na aquisição de línguas não maternas, a ocorrência de fenômenos de desvios, sendo que a primeira encontra diferentes variáveis de que tais desvios (variação) dependem. Uma das variáveis que se invocam como condicionantes de certas realizações linguísticas – desviantes ou não – é o gênero (cf. ECKERT, 2013; ROMAINE, 2013; MCELHINNY, 2013). A teoria de aquisição das línguas não maternas, por sua vez, prevê a ocorrência, numa determinada fase de aprendizagem (interlíngua), de realizações que nem nas línguas já conhecidas (neste caso Inglês e Shona), nem na língua alvo (Português), se enquadram em termos morfossintáticos (cf. CORDER, 1981, p. 16-17; SCHUMANN, 1974, p. 145-146), aspecto que se verifica com o uso do possessivo pelo grupo alvo.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A palavra *gênero* vem do latim *genus* carregando consigo o sentido de *tipo*. Entretanto, os tipos das entidades denotados pelos nomes não se podem limitar ao masculino e ao feminino resultantes da noção de *macho* e *fêmea*. Há línguas com mais de dois gêneros, podendo atingir a cifra dos quinze (cf. BEIT-ALLAHMET al., 1974, p. 426), como consequência da existência, em diferentes línguas, de vários aspectos considerados para a definição do gênero. Encontram-se, entretanto, sistemas que consideram o sexo dos seres vivos para a definição do gênero dos nomes que os designam, outros, a vida (ser vivo/ser não vivo), hierarquias dos seres (humanos, animais, árvores, superiores, inferiores...) etc. (cf. CORBERT, 2006).

O gênero consiste, com efeito, na subcategorização nocional que os falantes fazem da realidade à sua volta, com base em processos de cognição da realidade. Não se trata necessariamente de sexo, embora a consideração deste seja um dos critérios de definição daquele. Enquanto sexo é natural – particularmente referente aos seres animados (macho e fêmea) – o gênero não é coisa natural, é a categorização convencional, social, cultural e psicológica da realidade (cf. MCELHINNY, 2003, p. 22-23). No entanto, o gênero gramatical consiste na colocação de morfemas aos nomes e seus acessórios, sem que tais morfemas estabeleçam uma relação natural ou consistente com os referentes. Aliás, em português, a marcação morfológica do gênero não obedece a critérios sistemáticos, de tal sorte que muitos linguistas criticam e negam a indicação do gênero com base em processos morfológicos.

Na verdade, as línguas têm sistemas de distinção de gênero se “[...] noun phrases headed by nouns of different types control different agreements [...] [pois] the evidence that nouns have gender in a given language lies in the agreement targets that show gender” (CORBERT, 2006, p. 749). De acordo com este autor, há dois grandes critérios/regras usados na definição do gênero: critérios semânticos (para certas línguas) e formais (para outras). No entanto, os formais nunca se dissociam dos primeiros, aliás, há línguas que combinam o significado e a forma das unidades (CORBERT, 2006, p. 750). Considerando que, em Português, os falantes diferenciam, ainda que de forma menos sistemática, os nomes masculinos dos femininos colocando-lhes determinadas terminações, pode-se considerar que obedece ao segundo critério (a combinação do significado e da forma).

Em Português, há uma tendência de associar as vogais temáticas *-a* com o feminino e *-o* com o masculino. No entanto, existem evidências bastantes para demonstrar a não funcionalidade deste critério para a identificação e marcação do gênero, como por exemplo, a impossibilidade de mudar nomes femininos como *mesa* para o masculino **meso* pela comutação de vogais. O gênero é inequivocamente “determinado pelo determinante que se encontra à esquerda do nome” (RIO-TORTO, 2001, p. 263), através do processo de concordância nominal em gênero (LUCCHESI, 2009, p. 2996).

Nesta concordância nominal, os possessivos, uma das classes que devem apresentar a forma correspondente ao gênero do núcleo nominal, têm a particularidade de variarem consoante os traços semânticos de gênero da entidade possuída. Geralmente, pospõem-se ao determinante artigo ou demonstrativo (Exemplos II) e precedem os quantificadores numerais (Exemplos II c. d.) – com os quais operam uma múltipla especificação - sem nunca poder ocorrer na posição inicial do SN, no português canônico do PE (Exemplos II d. e.) (RAPOSO;MIGUEL, 2013, p. 729-730), um dos aspectos que distanciam esta variedade da brasileira.

Exemplos II

- a. O meu livro está encapado.
- b. Este meu livro custou 20\$.
- c. Os meus quatro filhos são jornalistas.
- d. As suas cinco canetas estão guardadas.
- e. *Meu amigo chegou (Português europeu (PE)). vs. Meu amigo chegou (Português brasileiro (PB))
- f. O meu amigo chegou.

No Português contemporâneo, os dados analisados por Miguel revelam, no que concerne ao nível estritamente do SN, o desaparecimento das “formas clíticas” dos possessivos, isto é, a colocação pré-nominal não combinada com artigos dos possessivos (MIGUEL, 2002, p. 290). Isto implica a consideração de duas colocações no uso do Português, nomeadamente, a colocação pré-nominal dos possessivos combinados com um artigo ou um demonstrativo (formas fracas dos possessivos) e a colocação pós-

nominal formas fortes dos possessivos, na variante europeia do Português (cf. CASTRO; COSTA, 2002, p. 101-107). Estas colocações (pré-nominais e pós-nominais) são sensíveis à “definitude” ou “indefinitude” do SN (BRITO, 2003, p. 509). Enquanto os determinantes possessivos se fazem anteceder pelos artigos definidos e pelos demonstrativos em SNs definidos (Exemplos III a. b.), os mesmos se pospõem ao nome determinado pelos indefinidos, pelos numerais, pelos interrogativos e pelos exclamativos (Exemplos III c. d.), em SNs indefinidos.

Exemplos III

- a. *O meu* irmão chegou.
- b. *Este meu* irmão é muito inteligente.
- c. *Um*as tias *nossas* chegaram ontem.
- d. *Qu*atro amigos *seus* chegaram.

No que tange ao uso do Português Língua Não Materna (PLNM) saliente-se, de acordo com Gonçalves, a tendência para a preferência pelo gênero masculino (GONÇALVES, 1997, p. 62-63). Jorge Pinto, por seu turno, num estudo envolvendo estudantes marroquinos, destaca, entre as suas principais dificuldades, a de selecionar o gênero quando o nome em Português não pertence às classes temáticas *-o* ou *-a* com correlação parcial com os valores de gênero masculino ou do feminino (PINTO, 2012, p. 27). Tal como acontece no Português de Moçambique, Cabo Verde e de outros PALOP¹, a tendência para o uso generalizado do masculino verifica-se também em estudantes de PLE europeus (MARIOTTIO; LOURENÇO-GOMES, 2013, p. 1281-183).

O uso dos possessivos não está isento dos fenômenos de variação sociolinguística. Enquanto no PE os pré-nominais (possessivos fracos) ocorrem com determinação definida, no PB, ocorrem sem artigos – funcionando como possessivos determinantes (cf. CASTRO, 2007) – o que leva a considerar uma estratégia de evitar a múltipla determinação preconizada na gramática do Português. No PB, é frequente o uso do possessivo resultante da associação da preposição *de* (com o valor de pertença/origem) com os pronomes da 3ª pessoa (*ela* e *ele*). Mais do que para desambiguar a semântica dos pronomes *seu* e *sua* de uso preferencial no PE, *dele* e *dela* são usados no PB por conta da distância entre o possessivo e o referente nos contextos (cf. CERQUEIRA, 1996, p. 86-121).

No contexto africano, apesar de se assumir oficialmente a norma do PE, o uso dos possessivos registra uma variação linguística significativa. Tal variação implica, de uma forma geral, a ocorrência da chamada concordância variável no interior do SN (cf. JOHN-AND, 2011). Para além dos aspectos referentes à não flexão em gênero e número dos elementos acessórios do núcleo nominal, revelados por autores de diversa origem como Miguel e Mendes (2013), Inverno (2009) e Gonçalves (2010), num estudo recente, Adriano (2014) confirma o apagamento das marcas de número marcado (plural) não necessariamente dos especificadores, mas sim dos nomes e adjetivos, escamoteando-se, com efeito, os padrões de correspondência de traços sintáticos e semânticos com os especificadores (incluindo os possessivos) (ADRIANO, 2014, p. 168-170) no PA. Já no PM, o caso é semelhante ao que se destaca no PB que consiste no uso dos possessivos pré-nominais (fracos) sem a determinação definida (cf. ATANÁSIO, 2002, p. 118-119). Portanto, em relação ao uso dos possessivos nas variantes africanas, duas tendências se apresentam na posição pré-nominal: o apagamento do número marcado (plural) ora no núcleo, ora no possessivo e a omissão dos determinantes.

Sob o ponto de vista sociolinguístico, há estudos que demonstram fenômenos de variação linguística condicionados pelo gênero (sexo) do sujeito falante. Romaine (2003) e Eckert (2003) apresentam estudos que relacionam o fenômeno de hipercorreção linguística às mulheres: “[...] one of these sociolinguistic patterns is that women, regardless of other social characteristics such as class, age, etc., tended to use more standard forms than men” (ROMAINE, 2003, p. 101-102). Romaine dá como exemplo a realização do /r/ pós-vocálico por mulheres nova-iorquinas (cf. Também ECKERT, 2003, p. 392). No que diz respeito ao Português, numa dissertação de doutorado, Ernesto (2015) apresenta como um dos problemas dos aprendentes de PLE, o estabelecimento da concordância nominal em gênero dependente do gênero biológico. Por sua vez, Brito (2015, p. 13), analisando estruturas de PLE de aprendentes com conhecimento linguístico prévio do inglês, revela a ocorrência de desvios na concordância nominal em gênero sem, no entanto, relacionar o desvio de gênero gramatical com o sexo dos indivíduos.

¹ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

4 APRESENTAÇÃO DE DADOS

Os possessivos indicam traços morfológicos de gênero e de número do núcleo e, ao mesmo tempo, indicam o valor semântico de posse. No que concerne ao gênero, um determinante como *meu* varia em função das marcas da entidade possuída. Podendo posicionar-se na posição pós-núcleo (possessivo forte), a sua posição canônica é a pré-nuclear (possessivo fraco) obedecendo à sequência *Art.+Poss.+Nome*². Os dados analisados, os quais revelam que os estudantes de PLE da Universidade do Zimbabwe usam os possessivos na sua posição canônica – como possessivos fracos (cf. CASTRO, 2007) – dizem respeito a dois contextos de ocorrência, nomeadamente, na sequência *Art. + Poss. + Nome* (num SN autônomo ou complemento de sintagma verbal (SV)) e na sequência *Prep.+ Art. + Poss.+ Nome* (numa estrutura em que o SN é complemento de SP). Nestes contextos, os estudantes do PLE cujas estruturas sintáticas estão em análise, usam os possessivos como determinantes nominais.

No que diz respeito à sequência *Art. + Poss. + Nome*, embora com problemas de concordância em alguns casos, o grupo alvo coloca artigos antes dos possessivos e, em conjunto, determinam o nome, como se pode observar nos exemplos abaixo:

Exemplos IV (primeiro ano)

1. ***O meu irmã** chama-se Morgan Marwiro (estudante feminino (EF)).
2. ***A minha amigo** tem namorado (estudante masculino (EM)).
3. ***A minha** pai e mãe têm cinco filhos (EF).
4. *Limpo **as minhas dentes** (EF).

Exemplos V (segundo ano)

1. *Depois do jantar eu **fazia a minha trabalho de casa** (EF).
2. *Ela mora em Chipinge com o meu avô **e o seu família** (EF).
3. *Também **eu vou cassar a minha namorado** (EF).
4. ***A minha professor** foi chama-se senhora Makurumidze (EF).

Exemplos VI (terceiro ano)

1. *Quando ela **terminar a sua programa** (EF).
2. ***A minhaamiga é trabalhador em a sua livros** (EF).
3. *A Tanya gosta de brincar com **as suas irmãos** (EF).
4. *A Treasher vai ao cinema com **a sua namorado** (EF).

Os exemplos acima indicam, no que se refere à concordância de gênero, aspectos peculiares se se considerar os resultados de outros estudos sobre as variantes não nativas do Português. Nos três níveis, fica claro que os desvios com tendências de uso do masculino são bastante reduzidos, por um lado, contrariando a tendência generalizada do uso do masculino e, por outro, dando lugar à tendência do uso do feminino. Isto é, no grupo em estudo, com os possessivos, salienta-se a tendência de usar o feminino no estabelecimento da concordância, como ilustra o Gráfico 1 abaixo.

Já na estrutura *Prep.+ Art. + Poss.+ Nome* (em que o SN é parte do sintagma preposicional (SP)), os desvios de concordância têm lugar quer na relação entre o artigo e o nome quer entre o possessivo e o nome ou ainda entre os dois e o nome. No segundo e no terceiro ano (níveis em que foram registradas as estruturas em causa), os dados indicam que há maiores dificuldades na harmonização de traços gramaticais de gênero entre o possessivo e o núcleo nominal. Embora o uso do masculino seja a tendência dominante no segundo ano (somente no contexto sintático em causa); no 3º ano, de fato, o uso do feminino sobressai com maior significância. Parece, portanto, que nos primeiros anos, os estudantes de PLE tendem a usar o gênero masculino – daí o elevado número de ocorrências; no entanto, com o desenvolvimento da aprendizagem, esta tendência dá lugar ao estabelecimento do gênero morfológico em função do gênero biológico do sujeito falante. Aliás, mesmo na primeira estrutura de análise, o uso do masculino é expressivo no segundo ano. Os exemplos (VII e VIII) a seguir ilustram os aspectos apresentados neste parágrafo;

² Esta sequência é referente ao padrão europeu do português.

Exemplos VII (segundo ano)

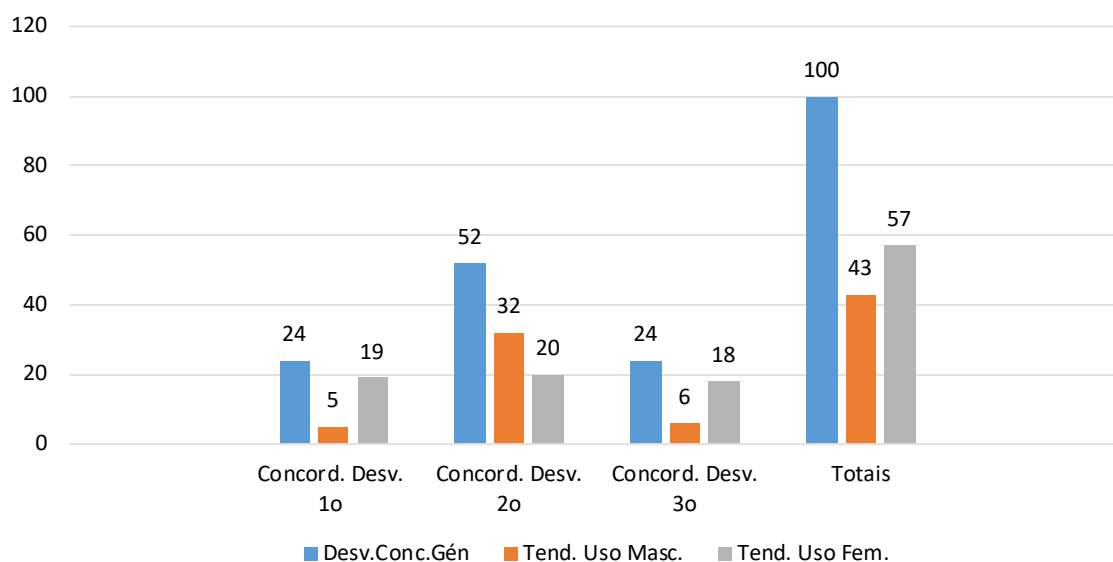
1. *Normalmente Leah vai na escola a pé **com seus amigas**; (EM)
2. *Convidarei os meus amigos **para o meu festa**; (EF)
3. *e toma pequeno almoço **com os seus famílias**; (EF)
4. *No ano passado eu fui da ideia **com a minha pai e mãe**; (EM)

Exemplos VIII (terceiro ano)

1. *A Tanya gosta de brincar com **as suas irmãos**; (EF)
2. *A Treasher vai ao cinema com **a sua namorado**; (EF)
3. *ou brincar **com as suas irmãos**; (EF)
4. *sobre **os seus amigos**, namorada e a sua vida; (EF)

Em enunciados como **depois das nossas estudos*; **depois do jantar eu fazia a minha trabalho de casa*; **a minha amigo tem namorado*; **no ano passado eu fui da ideia com a minha pai e mãe* e **A Tanya gosta de brincar com as suas irmãos*, tal como acontece com a maioria dos SN com desvios de concordância em gênero, os núcleos nominais *estudos*, *trabalho*, *amigo*, *pai* e *irmão* exibem marcas do masculino, no entanto, o especificador possessivo particularmente é apresentado na sua forma de feminino. No que tange à concordância nominal de gênero (masculino e feminino), o Inglês e o Shona não apresentam nenhum aspecto que diretamente influencie esta tendência. Portanto, os desvios e a tendência que ora se registram parecem ter mesmo a ver com o caráter complexo e pouco claro da marcação do gênero em português (MAARTINS, 2015, p. 40-41). No Gráfico 1 a seguir, representam-se as tendências do estabelecimento da concordância em gênero nos três níveis. De uma forma geral, o uso do feminino ultrapassa a metade das ocorrências desviantes.

Gráfico 1: Tendência de desvios de concordância nominal em gênero entre o possessivo e o nome



Fonte: produzido pelo autor.

5 DISCUSSÃO

O fato de o gênero ser uma categoria de difícil aprendizagem parece de fato generalizado. Neste âmbito, os resultados desta pesquisa convergem com outros estudos sobre o PLE efetuados por autores como Martins (2015) e Pinto (2012); no entanto, já não convergem com estudos de Mariottti e Lourenço-Gomes (2013) e de Gonçalves (1997 e 2010) entre outros sobre a tendência do uso do masculino. No cômputo geral (embora no segundo ano o uso do masculino supere ligeiramente o uso do feminino com o

possessivo), as estruturas analisadas indicam que em estruturas sintáticas do tipo *Art. + Poss. + Nome* ou *Prep. + Art. + Poss. + Nome*, a tendência é de colocar o possessivo à esquerda antecedido por um artigo, conforme a prescrição do PE. Assim, esta realização canônica distancia-se da ocorrência generalizada dos possessivos no PB e da tendência desviante no PM de omitir a anteposição dos artigos aos possessivos (cf. CASTRO, 2007; ATANÁSIO, 2002).

Nas variantes africanas, com destaque para o Português de São-Tomé onde se falam crioulos de base portuguesa (cf. HAGEMEIJER, 2009) e para o PA onde se falam línguas bantu como línguas maternas (Inverno, 2009), registram-se as tendências de flexionar os elementos antepostos (cf. MIGUEL e MENDES, 2013), fato que igualmente converge com os resultados deste estudo sobre o uso dos possessivos em que, de fato, nota-se a sua variação morfossintática. No entanto, diferentemente do que acontece nas variantes acima e no PLE em que se destaca a preferência do uso do masculino (cf. MIGUEL; MENDES, 2013; INVERNO, 2009; GONÇALVES, 2010; MARTINS, 2015; MARIOTTIO; LOURENÇO-GOMES, 2013; PINTO 2012), este estudo indica que, com os determinantes possessivos, a tendência é de colocá-los no feminino, independentemente do gênero do núcleo nominal.

Considerando o caráter complexo que envolve a indicação do gênero em Português, primeiro por não possuir mecanismos sistemáticos e regulares e, segundo, por depender do gênero do elemento possuído e não do possuidor; considerando também o fato de o Inglês e o Shona não possuírem aspectos que possam influenciar tal tendência – pois não há mecanismos de flexão e concordância em gênero masculino ou feminino – e considerando em paralelo que maior número de estudantes, cujas estruturas sintáticas de PLE constituem o *corpus* analisado, é do sexo feminino, o comportamento registrado revela a tendência de marcação do gênero morfológico em função do gênero biológico (sexo) do falante. Esta conclusão vai ao encontro e confirma uma das constatações de Ernesto (2015).

Efetivamente, no seio do grupo alvo, a tendência do uso do feminino na concordância dos possessivos fracos com o nome, mesmo podendo ter explicação na teoria de interlíngua, tal explicação não pode ser relacionada com o fenômeno de *cross-linguistic influence*, aspecto que se pode considerar na explicação da tendência do uso do masculino pelo mesmo grupo. Entretanto, o gênero biológico tem influência no uso da língua tal como demonstraram Romaine (2003) e Eckert (2003). No entanto, os resultados sobre a concordância do possessivo fraco com o nome, embora ilustrem a influência do gênero biológico sobre a realização em PLE, distanciam-se dos aspectos indicados por aqueles dois pelo fato de a influência consistir numa realização desviante.

Portanto, o estudo sobre a concordância do possessivo com o nome, no que diz respeito à categoria gramatical do gênero, revela que os alunos não obedecem àquela tendência geral de colocar os expansores do nome na sua forma não marcada de gênero e, desta forma, invalida-se a primeira hipótese apresentada em relação a questão que norteia este estudo. Com efeito, fica demonstrado que os aprendentes encontram estratégias próprias para o estabelecimento da concordância envolvendo o possessivo, neste caso, o recurso à estratégia de estabelecimento da concordância em gênero em função do gênero biológico do sujeito falante.

6 CONCLUSÃO

A marcação do gênero em Português é um processo pouco consistente devido à falta de critérios sistemáticos e regulares. Esta situação torna lento o processo de desenvolvimento de competências de concordância nominal em gênero em PLE. Por seu turno, os possessivos, uma das classes dos determinantes, revelam-se de uso complexo uma vez que, para além de simplesmente antecipar os traços morfológicos, neste caso, de gênero do núcleo nominal, têm a função de veicular a ideia de posse. Apesar de se verificar, em termos gerais, a tendência do uso generalizado do masculino no estabelecimento das relações de concordância em PLE, com os possessivos, o estudo revela uma tendência contrária, o uso do feminino.

Esta situação, considerando a constituição do grupo alvo – constituído maioritariamente por indivíduos do sexo feminino – leva a considerar a adoção do critério de estabelecimento de concordância nominal de gênero em função do gênero biológico do sujeito falante. Aliás, tendências semelhantes – em que aspectos linguísticos são relacionados e explicados com base nas diferenças de gênero biológicos –, envolvendo diferentes aspectos linguísticos, são reportados em um número significativo de estudos de natureza sociolinguística de Português e não só. Portanto, sob o ponto de vista de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e do PLE em

particular, isto implica a necessidade de um investimento acrescido no ensino-aprendizagem e no tratamento dos possessivos, considerando que se trata de palavras de uso frequente e discursivamente marcado.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, P. S. *Tratamento morfosintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia*. 2014. 594f. Tese (Doutorado) – Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Évora, Évora, 2014.
- ATANÁSIO, N. *Ausência do artigo no português de Moçambique: análise de um corpus constituído por textos de alunos do ensino básico em Nampula*. 2002. 178f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Linguística Portuguesa, Universidade do Porto e Universidade Pedagógica, Porto, 2002.
- BEIT-ALLAHMI, B. et al. Grammatical gender and gender identity development: cross cultural and cross lingual implications. *Amer. J. orthopsychiat*, v.44, n.3, 1974.
- BRITO, E. Grammatical gender in the interlanguage of English-speaking learners of Portuguese. *Portuguese Language Journal*, v. 9, Article 7, 2015.
- BRITO, A. M. Categorias sintáticas. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- CASTRO, A. Sobre possessivos simples em português. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 22., Lisboa. *Anais...* Lisboa: APL, 2007. p. 223-237.
- CASTRO, A.; COSTA, J. Possessivos e advérbios: formas fracas como X^o. In: Gonçalves, A. e CORREIA, C. N. (Org.) *Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 101-112.
- CERQUEIRA, V. C. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CORBERT, G. Grammatical gender. In: HOLMES J.; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, 2006. p.749-756. Disponível em: <<http://www.surrey.ac.uk/LIS/SMG/Gender%20grammatical.pdf>>. Acesso: 21 abr. 2017.
- CORDER, S. P. *Error analysis and Interlanguage*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- CUNHA, C. ; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1999.
- ECKERT, P. Language and gender in adolescence. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 381- 400.
- ELLIS, N. C. Second language acquisition. In: TROUSDALE, G; HOFFMANN, T. (Ed.) *Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 365-378.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- ERNESTO, N. M. *Ensino estratégico da gramática na aula de português língua não materna*. 2015. 319f. Tese (Doutorado) – Doutoramento em Ensino de Português, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

FERREIRA, T. S. *Padrões na aquisição/aprendizagem da marcação do gênero nominal em português como L2*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

FORTUNE, G. *Shona grammatical construction*. Harare: Mercury Press, 1980.

GONÇALVES, P. Tipologia de 'erros' do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (Org.). *Panorama do português oral de Maputo - Vol. II: A construção de um banco de "erros"*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1997. p. 37-67.

_____. *A gênese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

HAGEMEIJER, T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v.1, n.1, p.1-27, 2009.

INVERNO, L. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. 2009. 476f. Dissertação (Doutorado) – Doutoramento em Letras: Línguas e Literaturas Modernas, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

JOHN-AND, A. *Variação, contacto e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. 2011. 167f. Dissertação (Doutorado) – Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2011.

LABOV, W. *Principles of linguistics change*. Vol. I: Internal factors. Blackwell, 1994.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, 2007.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; e RIBEIRO, I.; (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.p. 295-318.

MARIOTTO, E.; LOURENÇO-GOMES, M. C. Análise de erros na escrita relacionados à aprendizagem da concordância de gênero por falantes nativos do inglês, aprendentes de português europeu como língua estrangeira. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (SIMELP). *LÍNGUA PORTUGUESA: ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS, UNINDO CULTURAS*, 4, 2013, Goiânia. *Anais...Goiânia: Faculdade de Letras/UFG*, 2013. p. 1278-1285. Disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_26.pdf2013>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MARTINS, C. Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, v.1, n.1, p. 26-51, 2015. Disponível em: <<http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/93/54>>. Acesso: 23 out. 2016.

MCELHINNY, B. Theorizing gender in sociolinguistics and linguistic anthropology. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Ed.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 21-42.

MHUTE, I. Typical phrases for shona syntactic subjecthood. *IEuropean Scientific Journal February 2016 Edition*. v.12, n.5, p. 340-345, 2016.

MIGUEL, M. Para uma tipologia dos possessivos. In: GONÇALVES, A.; CORREIA, C. N. (Org.). *Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 287-300.

MIGUEL, M.; MENDES, A. Syntactic and semantic issues in sequences of the type (adjective)-noun-(adjective). *Journal of Portuguese Linguistics*, v.12, n.2, p. 151- 156, 2013.

MUKARO, L. WH-questions in shona. *International Journal of Linguistics*, v.4, n. 1, p. 220-236, 2012.

MPOFU, N *The shona adjective as a prototypical category*. 2009. 236f. Dissertação (Doutoramento) – Doutoramento em Linguística, Universidade de Oslo, Oslo, 2009.

ORTEGA, L. *Understanding second language acquisition*. London, New York: Routledge, 2013.

PINTO, J. A aquisição de português LE por alunos marroquinos: Dificuldades interlinguísticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SEEPLU - DIFUNDIR LA LUSOFONIA CÁCERES: SEEPLU / CILEM / LEPOLL,2.,2012. *Atas...* Disponível em: <<http://www.seeplu.galeon.com/textos2/pinto.pdf>>. Acesso: 22 abr. 2017.

RAPOSO, E. B. P. ; MIGUEL, M. Introdução ao sintagma nominal. In: RAPOSO et al. *Gramática do português*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RIO-TORTO, G. Classes gramaticais: sua importância para o ensino da morfossintaxe. *Máthesis*, n. 10, p. 259-286, 2001. Disponível em: <http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10_259.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

ROMAINE, S. Variation in language and gender. In: HOLMES, J; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 98-118.

SCHUMANN, J. H. The implications of interlanguage, pidginization and creolization for the study of adult second language. *TESOL Quarterly*, v. 8, n.2, 1974. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/3585538.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

VILALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras de português*. Lisboa: Dicens, 1994.

_____. Estruturas morfológicas básicas. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

Recebido em 22/04/2017. Aceito em 29/06/2017.